



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MÍRIA REINALDO GOMES DO NASCIMENTO

**A ESCRITA SINGULAR AUTISTA: REVISÃO DE ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS
À LUZ DA PSICANÁLISE**

CAMPINA GRANDE - PB
2022

MÍRIA REINALDO GOMES DO NASCIMENTO

**A ESCRITA SINGULAR AUTISTA: REVISÃO DE ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS
À LUZ DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto.

**CAMPINA GRANDE-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244e Nascimento, Miria Reinaldo Gomes do.
A escrita singular autista [manuscrito] : revisão de estudos autobiográficos à luz da psicanálise / Miria Reinaldo Gomes do Nascimento. - 2022.
34 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia - CCBS."
1. Autismo. 2. Autobiografias. 3. Elaboração do autista. I.
Título
21. ed. CDD 150.195


MÍRIA REINALDO GOMES DO NASCIMENTO

**A ESCRITA SINGULAR AUTISTA: REVISÃO DE ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS
À LUZ DA PSICANÁLISE**

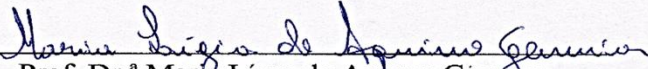
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 29/11/2022.

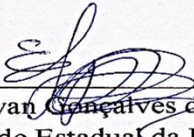
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.ª Jailma Belarmino Souto (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr.ª Maria Lígia de Aquino Gouveia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Edivan Gonçalves da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“[..]Pois como não ascender até a ausência da voz —
Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo —
Ainda sem movimento.
Aonde a gente pode enxergar o feto dos nomes —
Ainda sem penugens. [..]”
Manoel de Barros

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Registros real, simbólico e imaginário.....	10
Figura 2 – <i>Vel</i> da alienação e separação.....	12

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2.	A clínica estrutural, o sujeito na psicanálise, e o sujeito autista	9
2.1	SUJEITO na psicanálise surgimento e constituição	11
2.2	Lacan e o autismo	13
3.	Divergências teóricas na psicanálise: aqueles depois de Lacan	15
3.1	O autismo entendido como uma quarta estrutura	18
3.2	A direção do tratamento: manejo e transferência	21
4.	AUTOBIOGRAFIAS: O que nos dizem os autistas?	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	30

A ESCRITA SINGULAR AUTISTA: REVISÃO DE ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS À LUZ DA PSICANÁLISE

AUTISTIC SINGULAR WRITING: REVIEW OF AUTOBIOGRAPHIC STUDIES IN THE LIGHT OF PSYCHOANALYSIS

Míria Reinaldo Gomes do Nascimento¹

RESUMO

Essa produção sustenta-se no que a psicanálise tem a contribuir sobre o autismo para além dos determinantes diagnósticos, não se detendo as nosografias e levando em consideração a subjetividade tendo em mente a epidemia de diagnósticos dos últimos tempos. Tendo como base a psicanálise da escola francesa de orientação lacaniana para reconhecer a importância de uma análise das produções autobiográficas por pessoas autistas. Ademais, esclarecer de que forma é possível estabelecer a transferência de um sujeito que não supõe o saber de um Outro, mesmo aqueles sujeitos autistas não verbais, os que não são acessíveis através da fala. À vista disso, foi elucidado por meio de apanhado bibliográfico para fundamentação, o que se têm publicado acerca desta temática analisando brevemente percurso da primeira à segunda clínica de Lacan, bem como as produções depois de Lacan, para enfim, a partir da análise das autobiografias de Temple Grandin, Tito Mukhopadhyay, compreender como se dá a elaboração autística como forma de fazer laço social frente ao Outro que lhe é invasor.

Palavras-Chave: autismo; elaboração do autista; autobiografias.

ABSTRACT

This production is based on what psychoanalysis must contribute to autism beyond diagnostic determinants, not focusing on nosographies and taking subjectivity into account, bearing in mind the recent epidemic of diagnoses. Based on the psychoanalysis of the French school of Lacanian orientation to recognize the importance of an analysis of autobiographical productions by autistic people. Furthermore, clarifying how it is possible to establish the transfer of a subject who does not assume the knowledge of an Other, even those non-verbal autistic subjects, those who are not accessible through speech. In view of this, it was elucidated by means of a bibliographical summary for justification, what has been published about this theme, briefly analyzing the path from the first to the second clinic of Lacan, as well as the productions after Lacan, finally, from the analysis of the autobiographies of Temple Grandin, Tito Mukhopadhyay, to understand how the autistic elaboration takes place as a way of making a social bond in the face of the Other that invades it.

Keywords: autism; elaboration of the autistic; autobiographies.

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: miriareinaldo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como é mais conhecido pela sua classificação no manual diagnóstico e estatístico o DSM-V, é uma modalidade de sofrimento que ocupa um lugar de intensas divergências teóricas nas diversas áreas do conhecimento. Busca-se compreender a causa, o surgimento, as características específicas nosográficas e diagnósticas para definir o que hoje entende-se pertencente a um espectro. De fato, não há concordância entre estes discursos. É notável no discurso médico psiquiátrico a tentativa de simplificação e unificação de um diagnóstico, como na última edição publicada no ano de 2013 do DSM-V que fundiu o transtorno autista, o transtorno de Asperger e o transtorno global do desenvolvimento em um espectro, justificada em função de uma melhor identificação para a realização do tratamento. (DSM-V, 2014)

No que se diz respeito à etimologia, a palavra autismo (auto+ismo) idealizada pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler e publicada no ano de 1911, foi estruturada como uma forma de substituir a terminologia demência precoce e colocando o autismo enquanto modalidade da esquizofrenia. Este termo foi apanhado da psicanálise a partir do que Freud nomeou autoerotismo, entretanto com acepções diferentes. Bleuler utilizava dessa terminologia para descrever um sujeito que renuncia ao mundo exterior para voltar-se ao mundo interior. Entretanto, anos mais tarde, em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner, em sua publicação “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo” contrapondo o que se entendia enquanto variação da esquizofrenia, elencou onze características do que nomeou de autismo infantil precoce, em um primeiro momento definindo como fenômeno de ordem psíquica e mais tarde evoluindo para a hipótese do autismo enquanto um fenômeno orgânico (ROUDINESCO & PLON, 1998).

O vislumbre desta recorrente temática em consonância à epidemia de diagnósticos, e das diversas formas que se fazem presentes no discurso do outro, seja de forma pejorativa ou através de identificações com a nosografia presente nos manuais diagnósticos, nos convida enquanto futuros profissionais psicólogos que praticam a psicanálise, a responder através de um arcabouço teórico psicanalítico acerca da temática.

O estudo trata-se de reconhecer a importância de se fazer uma análise das produções autobiográficas por pessoas autistas a partir da orientação psicanalítica. Assim sendo, Maleval descreve em *El autista y su voz* que “El autismo es una forma de ser. Lo invade todo, tiene toda experiencia, toda sensación o percepción, todo pensamiento, toda emoción, todos los aspectos de la vida.”² (MALEVAL, 2011, p. 169).

O que faz de a psicanálise distinguir-se das psicoterapias está em dar importância a subjetividade, o analista não aparece enquanto sujeito, mas sim, enquanto semblante. O autismo é uma forma de ser, portanto não há como tornar-se menos autista, neurotizar o autista. Não há um sujeito neurótico por trás do encapsulamento do autista. Afinal, constituir-se no autismo é um modo de ser e estar no mundo.

À vista disso, o objetivo geral desta produção é de elucidar a partir do aparato teórico psicanalítico a escrita singular do autista como uma forma de fazer laço social e extrair o gozo vivido em excesso. Tomando como premissa alguns seminários dos primeiros escritos de Lacan, nos quais o autor já dá indícios de um funcionamento que não está representado pelas demais estruturas psíquicas tais quais a neurose, psicose e perversão e anos mais tarde com a proposição de que mesmo aquele sujeito que não fala e que tapa os ouvidos frente a intromissão

² O autismo é uma forma de ser. Invade tudo, tingem toda experiência, toda sensação ou percepção, todo pensamento, toda emoção, todos os aspectos da vida. (tradução nossa)

do Outro, está no campo da linguagem. Ademais as contribuições de autores depois de Lacan sobre a temática do autismo na psicanálise.

Se fazem relevantes a efetivação de objetivos específicos para que seja possível a realização desse objetivo geral. Primeiramente detalhar e revisar os conceitos de sujeito, alienação e separação e gozo na psicanálise de orientação lacaniana para pensar acerca do autismo, de que forma seria possível supor um sujeito, seu posicionamento diante do Outro e da linguagem e suas formas de esvaziar o gozo vivido em excesso; em segundo momento elucidar as divergências teóricas e a hipótese de uma quarta estrutura clínica; por fim, analisar como se formam as elaborações dos sujeitos autistas como forma de fazer laço social e de tornar a presença do Outro menos invasora, a partir da leitura das autobiografias destes sujeitos, estes que escrevem e que podem dizer mais sobre si mesmos, que qualquer análise imaginária de um outro.

Em primeiro plano, buscou-se detalhar o que trilhou o caminho da teoria da primeira clínica lacaniana estruturalista e seus aspectos adquiridos da linguística tais quais os conceitos de linguagem e significante para poder dar lugar ao que concerne à constituição do sujeito enquanto sujeito da linguagem, sujeito do inconsciente. Dessa forma, elucidados estes conceitos, é possível compreender de que forma se constitui subjetivamente o sujeito autista, apontando alguns autores que indicam a presença ou não da alienação ao significante primordial. Mais à frente sob a luz dos relatos encontrados nos primeiros escritos de Lacan sobre os casos Dick de Melanie Klein e o caso Roberto de Rosine e Robert Lefort como suporte para indicar que Lacan já dava notícias sobre esse funcionamento autístico, mas ainda não com esse termo. Além disso, a contribuição de Lacan em apontar o caráter de sujeito que está no campo da linguagem ao dizer que aquele que se protege do verbo tapando os ouvidos está nela.

Em segundo plano, mediante as divergências diante da gênese do autismo, apontou-se aquelas que dizem respeito à psicanálise, sob aqueles que situam o autismo enquanto categoria da psicose e aqueles que consideram enquanto uma estrutura psíquica diferente das demais. Em seguida, buscou-se apresentar autores que dispõem o autismo diante de uma quarta estrutura, posição esta que serviu de eixo para o presente artigo e, posteriormente, de que maneira se dá a direção do tratamento no que cerne o manejo e a transferência.

Em terceiro, foram estudadas as autobiografias de dois sujeitos autistas, evidenciando a singularidade de sua constituição bem como as suas formas particulares de ser e estar no mundo. São elas: “Mistérios de uma mente autista” (2011) por Temple Grandin e “How can i talk if my lips don’t move? Inside my autistic mind” (2011) por Tito Mukhopadhyay.

Em relação aos aspectos metodológicos utilizados no presente artigo, foi realizada uma pesquisa da bibliografia de livros, artigos e autobiografias coletadas por meio digital ou arquivo físico, acerca da temática onde buscou-se falar da teoria lacaniana no que se diz respeito a primeira e a segunda clínica, ademais acerca dos autores depois de Lacan que aprofundaram a temática. Dessa forma, logo em seguida investigou-se a temática do autismo apresentando divergências teóricas bem como a hipótese do autismo enquanto quarta estrutura que será o foco desta produção. Em seguida, a pesquisa deu lugar às autobiografias de dois sujeitos autistas que relatam as maneiras que encontram de amarração dos três registros para dar conta do gozo afluente.

Em face do exposto, diante do aporte teórico postulado por Lacan acerca dos esquemas e topologias, se faz fundamental a utilização desses conceitos para a estruturação e pesquisa. A partir da posição tomada, do autismo enquanto quarta estrutura, o presente artigo surge como uma proposta de contribuir para os estudos acerca da temática a partir de uma leitura bibliográfica tendo como análise as produções autobiográficas de sujeitos autistas. O que esses escritos e produção visual têm a nos dizer é a forma que o sujeito autista dá ao campo do real o -1 como forma de construir um sintoma que seja possível de fazer laço social e tornar mais suportável a entrada no campo do Outro que lhe é tão invasor.

2. A clínica estrutural, o sujeito na psicanálise, e o sujeito autista

O estruturalismo na teoria Lacaniana por sua vez, sob influências do linguista Roman Osipovich Jakobson, do antropólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss, apropriando-se de conceitos linguísticos de Ferdinand de Saussure em seu livro póstumo *Curso de Linguística Geral* (1916) e concepções hegelianas, utiliza-se de matemas, esquemas e topologias para dar corpo a sua teoria de caráter estruturalista, sempre levando em consideração ao que é mais singular no sujeito independente de sua estrutura psíquica.

O estruturalismo na teoria de Lacan, considera o que há de mais subjetivo, não diz respeito a uma estrutura completa e sem furos, mas uma marcada pela falta no Outro representado pela sigla $S(\mathcal{A})$, que descreve a falta no campo do Outro, que é o marco de entrada na linguagem. Sendo esta sigla, portanto, um significante, diferencia-se da noção de significante da linguística, que seria a imagem sonora de uma palavra. Ora, se na linguística o objeto a qual se refere a sonoridade estão diretamente ligados (o significante e o significado), por outro lado o significante lacaniano diz respeito à representação do sujeito para um outro significante. No texto “À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo”, Lacan relata a atribuição do significante da sonoridade “quém-quém” de uma criança não somente ao animal pato, mas referindo-se a outros objetos (LACAN, 1998).

No que se diz respeito a operação da linguagem, Lacan a partir de Jakobson, definiu que o efeito da linguagem se dá em metáfora e metonímia, ou seja, a operação significante implica em condensação e deslocamento. Foi a partir desta operação que se observou que não há um significante por si só que não se liga a outro. Até mesmo no que se diz respeito à palavra 'significante', por exemplo, elucidá-la já implica em recorrer a um outro significante (MILLER, 1999).

Lacan, em “lição de 6 de dezembro de 1961”, aponta para a relação do sujeito com o significante, de forma que há uma distinção entre signo e significante. Este primeiro sendo a representação de algo para alguém, diz respeito a fala, fato que evidencia a diferença da entrada do sujeito na linguagem a partir da operação significante, ou seja, aponta para a distinção entre fala e linguagem. Lacan fala de alguém que está acessível ao signo, mas que o significante ainda não está em operação, representando uma forma rudimentar da subjetividade.

A linguagem, portanto, não deve ser tomada enquanto aparelho destinado somente a função discursiva de comunicação a um destinatário, mas como uma ferramenta de sintetização do gozo. A instância do simbólico é o que diferencia o mundo humano do animal. Mesmo aqueles sujeitos que não são acessíveis por meio da fala bem como alguns sujeitos autistas não falantes e sujeitos psicóticos que não se utilizam de fala e da enunciação, estão no campo da linguagem, afinal “o mundo humano é o mundo da linguagem, que não há nada aquém ou além da linguagem.” (COUTINHO, 2017)

Sendo assim, a partir do aforismo “o inconsciente é estruturado enquanto linguagem” (linguagem esta que é adquirida a partir da entrada do sujeito no campo do Outro) é possível compreender como Lacan apodera-se de alguns conceitos da linguística e cria uma fundamentação própria para estes, sem perder o caráter estruturalista levando em consideração a subjetividade, alguns desses conceitos tomados é o do significante que tem grande notoriedade em seus seminários e escritos, aponta que não há ligação entre significante e significado.

É a partir da relação do sujeito com o Outro, com a linguagem, com a castração que se anuncia uma estrutura psíquica. De que forma em suas construções subjetivas o sujeito encontra para a amarração dos três registros Real, simbólico e imaginário, ou seja, a forma que o sujeito encontra de produzir um quarto enodamento. Topologia esta, que juntamente com a

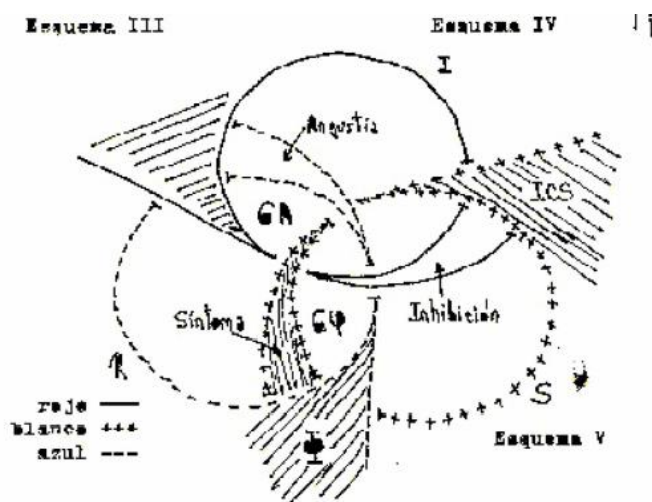
esquematisação da lógica significante são conceituações lacanianas pertinentes para a psicanálise.

A língua não comporta o todo sentido, há falta, existem furos na língua e esta não completa o todo sentido nem mesmo toda verdade. Não há limites na nossa linguagem, ela não há de contemplar o todo. É nesse sentido que a teoria psicanalítica se diferencia do discurso científico e aponta a importância da subjetividade, não alienando-se em um saber predeterminado, absoluto, que não existe uma verdade unívoca que compreenda todo o sentido e a todos os sujeitos. Lacan (1985[1972-73]) no Seminário 20: *mais ainda* simpatiza à concepção Kantiana de que não há como dizer a verdade toda, não há como chegar ao arremate da verdade. Ademais, afirma que a falta no campo do Outro ou $S(A)$ aponta para esta impraticabilidade de dizer a verdade completa.

Outrossim, ainda sobre a primeira clínica, é no encontro com a castração que se formaliza uma estrutura psíquica, ou seja, com os modos de responder a esta que se formula uma estruturação. Seja no recalque, denegação ou forclusão. Uma clínica regida pela operação fálica. É possível constatar-se o que suscitou a necessidade de introdução à uma segunda clínica para contemplar os casos que fogem a esta ordem fálica tal qual o autismo.

Já a segunda clínica, a borromeana Lacan (1967) introduz a topologia que comporta os três registros: do real que compreende o inominável, a vida, aquilo que não cessa de não se inscrever; o imaginário que compreende o corpo (o corpo falado, imaginário não o corpo físico, visto que na psicanálise ocupa-se com a fala e o discurso e não com o corpo biológico); E, por fim, o simbólico enquanto campo da linguagem e do significante, lugar da instância do inconsciente enquanto saber. No centro deles encontra-se o objeto a . Ademais, é dentro do furo destes registros que se encontram as modalidades de gozo (Gozo outro, Gozo fálico), tal qual a figura a seguir representa:

Figura 1 – Registros real, simbólico e imaginário



Fonte: Lacan, seminário 22. (1974-1975, Pág. 25)

Ademais é a partir destes que em retorno ao que Freud já postulava acerca da inibição, sintoma e angústia aparecem. Inibição enquanto o imaginário que invade o simbólico; O sintoma enquanto efeito do simbólico por via do real e a angústia o real que invade o imaginário, como o ilustrado acima.

Alguns anos mais tarde Lacan (1975-76) indica a existência de um quarto enodamento, o do *sinthome* (diferente do sintoma), é o quarto nó do nome do pai, ocupando o lugar de uma suplência, mas não é uma metáfora. Trata-se de um enodamento, formas subjetivas que o

sujeito encontra para dar consistência aos três registros. É no seminário do *Sinthome* que Lacan comenta o caso Joyce em que o quarto elemento do nó aparece em sua forma própria de abordar a linguagem em seus escritos, dando um outro lugar, um outro olhar sobre a linguagem. É a forma em sua constituição subjetiva que Joyce encontra de formalizar um enodamento que funcionou como o nome do pai para este sujeito. À vista disso, pensar na segunda clínica, a borromeana, nos faz ir para além da significação fálica, mas de uma forma a não anular o percurso tomado anteriormente pela primeira clínica, tal-qualmente importante.

2.1 SUJEITO na psicanálise surgimento e constituição

Para apontar as divergências da definição de sujeito na psicanálise e na ciência, é necessário brevemente apontar o ponto de convergência. O sujeito que a psicanálise opera é o mesmo da ciência, o que Lacan quer dizer é que a ciência que não trabalha com o sujeito apesar de encontrar-se ali, o discurso científico e médico trabalha com o indivíduo humano biológico, enquanto a psicanálise se refere ao sujeito, subvertendo o conceito imaginário de sujeito da ciência o qual entende-se pessoa e indivíduo. (ELIAS, 2004, p. 13).

Freud (1933) já descrevia sobre a concepção do Eu. Em seu texto “A dissecação da realidade psíquica” indica *Ich, Überich e Es* que se pode traduzir enquanto Eu, Supereu e ID. Sobre este primeiro, o Eu (*ich* ou *moi* no idioma francês), entende-se que diferencia dos demais pois parte de uma concepção imaginária, afinal o Eu inscreve esse mundo exterior a partir dos traços mnêmicos provenientes das suas percepções que operam em nosso aparelho psíquico. O Eu é, portanto, a representação de um id modificado pelo mundo externo.

Para Lacan há uma diferença entre o Eu (*moi*) que está em uma relação imaginária e o Eu *Je* (sujeito do inconsciente) que é o lugar que o analista enquanto função de Outro coloca o ser falante, em lugar de sujeito, realizando a retroversão de sua própria mensagem para que diante disto o sujeito possa realizar a sua interpretação própria. Na análise O Eu se apresenta contíguo (je e moi estão juntos) naquela mensagem que este envia ao Outro do analista, O analista portanto para não tomar uma relação imaginário de a-a', fura este imaginário para dar de encontro com o sujeito do inconsciente manifestado em sua fala. Afinal “é do outro que o sujeito recebe a própria mensagem que emite” (LACAN, Escritos, p. 821).

No escrito *Subversão do sujeito* (1960) situa a função da psicanálise sobre a subversão na questão do sujeito, onde define este enquanto a articulação significativa, afinal é do Outro que o sujeito recebe o que enuncia, porém inversamente. É por essa mensagem codificada que o sujeito recebe do Outro, que marca a entrada do sujeito na linguagem. Nesse primeiro momento de alienação ao Outro enquanto alteridade é tomado pelo sujeito enquanto verdade, um outro completo e ainda sem furos e que forma o eu ideal *i(a)*. Momento esse que representa o sujeito Psicótico que se encontra nesse primeiro momento de alienação primordial, colado ao desejo do Outro, onde este apresenta-se completo e não barrado.

Quanto a isso, em “O sujeito e o outro (I) A alienação” (1964) Lacan aponta os vetores de alienação e separação na qual utiliza-se o losango, o vel inferior que vai da esquerda para a direita que indica o processo de alienação e o superior da direita para a esquerda que indica o movimento de separação.

Figura 2- vel da alienação e separação

Fonte: Lacan, Seminário 11 (1964, p.198)

Este segundo, que denomina *Vel* na parte inferior, denota a alienação primária ao S1, este mesmo significante unário que marca a constituição do sujeito, estando assim no campo do sentido, o sujeito que se encontra alienado ao desejo do Outro. Já a separação, consiste neste segundo *Vel* que implica que o sujeito a aparecer como afânise³. Se na alienação surge como sentido, na separação aparece enquanto afânise, compreende o significante binário (s1-s2) o sujeito encontra-se barrado ao reconhecer a falta no campo do outro, não mais aliena-se ao desejo do Outro.

O sujeito, portanto, aparece na fenda, na articulação entre S1 → S2. A alienação primária, o *vel* inferior, implica em o sujeito barrado só aparecer por via do *vel* da separação. Escolhe-se o ser (campo do discurso e do significante) e o sujeito desaparece caindo no nonsense, no silêncio. Se por um lado escolhe-se a via do sentido, este encontra-se desmembrado do ser. Surge antes do sentido e depois de uma captura do significante primordial (NASCIMENTO, 2010).

Destarte, a concepção lacaniana de sujeito se difere do que se entende enquanto indivíduo, pessoa e o Eu de Freud. Para Lacan, o sujeito é aquele que surge no campo do Outro⁴. O surgimento do Sujeito se dá na medida em que lhe é atribuída uma significação do Outro, este que irá lhe atribuir sentido, a partir de uma alienação primária a um significante primordial. Este surgimento realiza-se através da linguagem, esta que preexiste a concepção do bebê (pedaço de carne Δ). Portanto, se o inconsciente se estrutura como linguagem, o surgimento do sujeito se dá ao grau da instância inconsciente. O sujeito não está em um corpo biológico, mas aquele que está submerso nas ordenações do simbólico, da linguagem ou da morte simbólica.

Levando em consideração o processo de alienação e separação, neste segundo, é marcado também a operação do menos um no registro do real. De que forma ocorre então a noção de sujeito no autismo e porque devemos supô-lo? No autismo, por outro lado, o sujeito vive submerso nesta dimensão real, sem furo, portanto não realiza a separação e por consequência não extrai o objeto a pela via da castração.

Costa (2005) sustenta a tese de que já que o sujeito surge a partir de sua relação com a alteridade, o Outro, bem como a relação de alienação e separação como via de sua constituição, no autismo o sujeito não estaria além ou aquém do processo de alienação, mas que apesar de alienar-se não há afânise, mecanismo que possibilita a movimentação para uma possibilidade de separação. Para a autora, caso não estivesse na alienação seria apenas o ser, estes sujeitos são, portanto, significado do Outro, é por esse motivo que este sujeito não entra no campo do desejo pois não reconhece a falta no campo do outro S(A) bem como não reconhece sua própria falta, o Outro é, portanto, ádvena estranho e invasivo. Ainda nesse sentido, Costa faz referência

³ Diz respeito ao desaparecimento do desejo, termo cunhado pelo psicanalista Alfred Ernest Jones que Lacan contemplou. (Chatelard, 2001)

⁴ O Outro define-se como o tesouro dos significantes, geralmente a mãe ou o cuidador que se vale deste lugar. Lugar singular este que é simbólico e tem função de inserir o sujeito neste campo simbólico. O Outro que fala sobre mim, produz uma representação de mim para mais além de mim. Este lugar particular implica em dizer que “não há o Outro do Outro” (Lacan, 1960).

a psicanalista Colette Soler que apesar de contrapor sua proposição de que o sujeito autista se aliena no S1, atribui o estatuto de sujeito ao autista mesmo estando aquém da alienação uma vez que este reconhece a presença do Outro na medida que o recusa.

Rosine e Robert, (2003) ao comentar o acompanhamento do caso de Marie-Françoise afirma que o sujeito autista não se aliena ao significante unário, para ele não há o Outro e por consequência não se extrai o objeto a (causa de desejo) deste, ou seja, pela falta não ser inscrita, este sujeito escapa a metáfora paterna. Apontou a redução do Outro a nada a partir desta experiência em que em seu lugar de analista possui um corpo, entretanto inexistente para Marie, evidencia, portanto, que o apelo do autista não se dirige ao Outro. O autista, portanto, não se aliena a S1, não demandando ao Outro a mensagem invertida de si mesmo. São os Lefort quem introduzem a tese do autismo enquanto uma estrutura que não compreende a neurose, psicose ou perversão, é uma a-estrutura.

Por outro lado, (Maleval, 2021) sustenta a tese de que no autismo, aliena-se a S1, há um congelamento à alienação, mas um rechaço a esta. Considera o autismo enquanto uma quarta estrutura psíquica. Para o autor o que acontece não é um congelamento fixo, inerte, mas que há a possibilidade de descongelamento. No que concerne aos autistas mais severos, em outra faceta há o congelamento radical na alienação. Entretanto, é possível que deleguem duplos, indicando que nem todos os afetos estão congelados. Há, portanto, a possibilidade de entrada no campo do Outro sem que se deixe invadir por este.

Sendo assim, Maleval (2020), indica que o congelamento de S1, da alienação resulta em uma não inscrição do corpo bem como na dificuldade do controle sobre este. Se para os Lefort no autismo não há lalíngua (balbuciações, lalação e língua), para Maleval há na verdade uma lalíngua empobrecida. Nesse sentido, será estudado sobre a questão do autismo na psicanálise para compreender de que forma se apresenta esta constituição subjetiva.

2.2 Lacan e o autismo

A definição de autismo na época dos primeiros escritos de Lacan ainda não estava muito presente então falava-se sobre uma psicose infantil ou esquizofrenia precoce, mas em muitos momentos Lacan fala desta situação em que há um estado primitivo do ser e da linguagem, da recusa do outro, do olhar e da fala. É notável que ao nos depararmos com o que se tem escrito nos relatos de caso da Melanie Klein sobre o caso Dick e de Rosine e Robert Lefort no caso de “*Robert, o menino lobo*” não se trata de uma estrutura psicótica atípica com traços de recusa ao outro, apatia, desinteresse com o mundo.

Em “*Os escritos técnicos de Freud*” no seminário 1 (1954) Lacan já havia sinalizado o autismo em dois momentos: o primeiro deles enquanto comenta o caso Dick acompanhado por Melanie Klein que o distingue de uma criança neurótica em efeito de seus comportamentos apáticos e de desinteresse. Um sujeito imerso no real, que se encontra em um estado primevo do ser; E em outro momento tece comentários sobre o caso acompanhado por Rosine Lefort e mais tarde por Robert Lefort em *O lobo, o lobo*.

Sobre este primeiro, acompanhado por Melanie Klein, em *Análise do discurso e análise do eu* Lacan fala que a intervenção selvagem de Melanie faz surgir efeitos em Dick. Este sujeito que está imerso no registro do real, fala de um estatuto primitivo do ser, não há identificação ao significante unário e dessa forma para ele não há o Outro bem como não há o Outro Melanie Klein que somente está.

Na *Tópica do imaginário* em retorno à Freud, Lacan retoma a noção de imaginário, simbólico e real para melhor compreensão. Lacan ressalta que neste sujeito há o emprego e uso disforme do vocabulário, visto que fala, mas não diz, emite sons. Ela está no campo da linguagem, serve-se dela para impedir a invasão do Outro, mas não realiza apelo, demanda.

Lacan pontua então a diferença de palavra e linguagem na medida em que o sujeito autista deste caso se encontra no campo da linguagem, mas que não se faz utilizar da palavra, porque não tomou essa do Outro. Para Lacan o real e o imaginário deste sujeito encontram-se unificados. O manejo de Melanie em relação a Dick foi a da intervenção por meio da introdução ao verbo, tanto que em dado momento a criança emite uma demanda ao Outro que é sua babá, quando percebe sua não presença ao perguntar por ela, na criança há não só relações pré-verbais, mas também relações pós-verbais.

Sobre o segundo, o caso do sujeito Roberto, acompanhado por Rosine em primeiro momento e em seguida por Robert Lefort. A criança apresenta histórico de abandono parental aos cinco meses pela mãe, desconhece o pai e chegou a estados repetidos de desnutrição em detrimento da indiligência materna. A criança chega já da idade de três anos à instituição em que Rosine trabalhava, não tinha domínio do aparato da palavra visto que se comunicava através de sons, barulhos e repetidas palavras uma delas “O lobo” a quem deu título e identificação a este sujeito por Rosine. O termo lobo surge da seguinte maneira:

SR. A LEFORT - Nas instituições de crianças, vê-se frequentemente as enfermeiras meterem medo com o lobo. Na instituição em que o tomei para tratar, um dia em que as crianças estavam insuportáveis, foram trancadas no jardim das crianças, e uma enfermeira foi ao exterior fazer o grito do lobo para torná-las comportadas. (LACAN, O lobo! O lobo! 1953-54, p. 138)

Acredita que o mito da mãe devoradora é considerável, visto que relata a questão de devorar a mãe ou ser devorado por ela no tempo da fase oral. Esta criança, portanto, não suportava o furo, o vazio e a impermanência. Tirar a roupa ou deparar-se com o furo da porta ou da janela eram para este sujeito algo devastador e motor para diversas crises. Rosine relata o aspecto destrutivo da criança sobre ela mesma, identifica-se com o lobo e busca destruir este. Lacan pontua que no início O lobo! É a palavra reduzida em seu aspecto mais primitivo.

Quinet (2000) ao comentar o caso de Robert acompanhado pelos Lefort, anuncia que há uma identificação de Robert com o significante primário S1 que é *o lobo*. No decorrer das sessões o Lobo não mais é sua identificação, mas atribui ele à Rosine. Para ele, este significante funciona como uma amarração, como um nome-do-pai que para ele está foracluído.

Para que realize a queda deste S1 e se constitua enquanto sujeito, algumas tentativas de fazer um (-1) pela via do real foram feitas, como quando tentou cortar o próprio pênis. Uma tentativa de realizar a sua castração no real, na carne. Que em outro tempo no decorrer das sessões era feito através de traçados no corpo, no espelho e no papel com um lápis. Pode-se entender como uma tentativa de realizar uma borda corporal diante do gozo excessivo, uma tentativa de filtrá-lo.

Lacan (1967), anos mais tarde, comenta em sua “Alocação sobre as psicoses da criança” que “uma criança que tapa os ouvidos -dizem-nos: para que?) Para alguma coisa que está sendo falada-já não está no pós-verbal, visto que se protege do verbo”. Dessa forma é possível e importante supor um sujeito no autista visto que esse apesar de não supor do Outro um saber, reconhece a sua presença que é tida como invasora.

O sujeito autista está imerso no campo do real, do real sem furos, não há a presença do um menos no real. Ademais, está no campo da linguagem, afinal para Lacan não existe ninguém que esteja além ou aquém da linguagem, visto que vivemos em um mundo regido por ela. O que denota que o sujeito autista pode adentrar o campo do Outro de outras maneiras que não somente pela via do discurso, que é através dos duplos, através das ilhas de competência, objetos autísticos, interesses específicos ou através da letra.

No que concerne a compreensão sobre esta maneira subjetiva de constituição, darei início a discussão sobre a temática a partir das observações de autores de orientação lacaniana, no que se diz respeito aos autistas para esclarecer algumas divergências conceituais com o

intuito de elucidar teoricamente o que dizem estes autores, visto que, há uma divergência do autista enquanto saber médico neurológico e o autista na psicanálise, além do que há divergências teóricas na respectiva psicanálise.

3. Divergências teóricas na psicanálise: aqueles depois de Lacan

Sabe-se que a identificação primária vai ocorrer nesse primeiro momento na entrada do significado de Mestre que foi servido de um Outro. Trata-se de uma identificação simbólica ao S1 e a partir desse pode-se ligar a S2 (significante em referência ao saber) e a outros significantes formando uma cadeia. Entretanto, no autismo esse momento de alienação não é garantido, por isso o sujeito autista não possui uma identificação com fronteiras definidas. Mas que, os contornos desta borda podem ser construídos.

O sujeito autista encontra-se imerso no real, não está em busca de um S2. E é por isso que em sua constituição subjetiva criam uma forma de enlaçamento dos três registros simbólico real e imaginário. Houve muitos estudos em relação a temática, na teoria psicanalítica, portanto existem diversas controvérsias e concordâncias. Nesse sentido, serão abordados autores que consideram o autismo enquanto categoria da psicose e autores que consideram o autismo enquanto uma quarta estrutura.

A peculiaridade da constituição do sujeito autista se dá através do reconhecimento do outro, quando Lacan descreve que uma criança que tapa os ouvidos se protege do verbo (outros escritos, 365), esta relação implica no reconhecimento do outro portanto, aponta para a imersão no campo da linguagem sendo assim, o sujeito autista reconhece a presença do Outro, porém que lhe é invasora, E, portanto, há recusa dos objetos pulsionais, como a fala, o olhar do Outro materno.

Soler (2007) situa o autismo diante de uma estrutura psicótica, mas que se diferencia em relação à paranoia e a esquizofrenia. O que há de diferença diz respeito ao seu funcionamento, acredita que o autista esteja aquém da alienação, o sujeito aparece como efeito falado e não como causa do Outro, é o legítimo significado do Outro. Estes protegem-se do imprevisível, da impermanência, da voz e do olhar que demarcam a presença do Outro. A qualquer indicador desta invasão, o sujeito produz o barulho, afinal é devastador o encontro com o que não é o mesmo, o que não é permanente.

Para a autora apesar do funcionamento distinto da esquizofrenia e paranoia continuam na psicose, ademais sua supressão do Outro aponta a existência de um sujeito. No que marca esta diferença, o Outro não é colocado no lugar do saber, lugar onde o sujeito conecta-se imaginariamente para dar contorno à um corpo. Há uma indiferença pelo chamado do Outro. Não há apelo, o sujeito autista não demanda algo do Outro.

Da mesma maneira Furtado (2013), atribui o autismo diante de uma estrutura psicótica, mas que apesar de se estruturar desta maneira, não apresenta delírios ou alucinações, ademais que a presença destes não seriam os suficientes para definir uma estrutura psicótica. O que retorna seu entendimento sobre o autismo diante dela quando diz que:

Os destinos da relação do sujeito com o Outro materno, a partir da sua identificação com seus ideais, podem apontar para múltiplas estruturas subjetivas. Lacan, por referir-se à não mediação paterna, nos indica que fala de psicose infantil, e como veremos mais adiante, nos habilita a aplicarmos ao autismo esta citação (FURTADO, 2013, p. 110)

É nesse sentido que o autor sustenta que o autismo esteja estruturado enquanto psicose visto que o que define uma estrutura não são estes fenômenos alucinatorios, mas sim a relação do sujeito com a linguagem, com o Outro, com a castração, com o gozo e o despedaçamento

do corpo. Apesar de não alucinar, recusam a castração, se relacionam com o mundo de forma particular, não quer dizer que não façam laços sociais, mas que a presença deste lugar de alteridade é invasora.

Lasnik já nos anos 90 apontava para a possível intervenção psicanalítica preciosíssima com bebês, bem como o risco para o autismo e psicoses infantis diante do *infans* que ainda não tem uma estrutura psíquica definida. Aponta para a importância dos primeiros objetos pulsionais pelos quais o Outro comparece, ademais aqueles bebês que não direcionam o olhar nem fazem apelo, e aqueles que apesar de alguma forma direcionarem o olhar não se fazem interessar pela dimensão do Outro. Ademais a importância da identificação cada vez mais precoce para que se possa gerar menos fechamento no futuro e a possibilidade de entrada no campo do outro, tornando o prognóstico mais favorável.

Nesse sentido, Lasnik (1995) aponta que na utilização da psicanálise com bebês que podem tornar-se autistas⁵, em muitos momentos o analista toma lugar desse Outro para que seja possível inseri-lo na ordem simbólica. Em seu livro 'três crianças autistas' comenta sobre um dos casos que acompanhou sobre o bebê Halil, que apresentava enrijecimento do pescoço e da nuca, não chamava, e seu olhar não se fixava a nada, tinha histórico de terror noturno e o exame de eletroencefalograma apresentava alterações. É na pontuação sobre este caso que Lasnik situa a importância de um diagnóstico e tratamento precoce para que seja possível estabelecer relações afetivas primárias, que posteriormente neste caso com o tratamento, bem como a relação biológica e psíquica no autismo.

Comenta que o que há no autismo é uma dificuldade do circuito pulsional, ao comentar o caso de Mourad que assim como Halil apresenta um desinteresse pelo campo do Outro. Descreve o mito da mãe devoradora enquanto uma pulsão que comporta o gozo do Outro. Para que esse ciclo pulsional se complete é necessário que este bebê se faça ser comida. No autismo por exemplo culpabilizam-se em demasia os pais por não investirem os filhos libidinalmente, mas é necessário que este bebê também entre neste jogo, faça interessar-se. Louise da mesma maneira, não estava tomado no circuito pulsional, não havia investimento libidinal nas zonas para formar uma borda, seja no controle dos esfíncteres ou da borda da boca.

Nesse sentido pulsional, anos mais tarde Lasnik (2000) descreve que o que caracteriza o autismo precoce-primário seria o não fechamento em três tempos do circuito pulsional⁶, quanto ao terceiro tempo que diz respeito à pulsão oral. Ademais, a constituição da imagem corporal diz respeito à uma relação de espelho - momento que marca a formação de um corpo o bebê busca no Outro a imagem/mensagens invertida de si - o bebê fazer-se buscaria no Outro encarnado geralmente pela mãe, para que essa o responda inversamente a essa mensagem, ora no autismo quando o bebê não se faz interessar, não há a constituição desta imagem corporal.

Por outro lado, Alfredo Jerusalinsky (1999), relata em um artigo sobre um caso que supervisionou, sobre esta posição subjetiva do autismo e sua posição em relação a demanda do Outro, e da linguagem. Afirma que diferentemente da neurose, onde se reconhece uma demanda enquanto queixa e a inverte, no autismo o Outro toma um lugar de demandar nada. O virar as costas, gritar, a agressividade são as posições do sujeito autista tomadas diante da demanda do Outro. A mãe enquanto posição encarnada do Outro, quer dar o seu S2 (saber) diante deste choro, diante desta inquietação, mas que é recusado.

⁵ Lasnik utiliza esse termo de bebês que podem vir a tornar-se autistas pelas suas primeiras relações com os cuidadores, que é marcada por um desinteresse, um não direcionamento do olhar, o não se interessar, o não chamar pelos seus cuidadores. Todavia, estes pontos não dizem respeito necessariamente ao autismo, mas que demandam atenção visto que podem apontar para um bebê que se encontra em um sofrimento (Lasnik, 2000 p.87).

⁶ Lasnik diz respeito à teoria lacaniana da pulsão, esta que ocorre em três tempos: Pulsão invocante, Pulsão escópica e Pulsão oral. (Lasnik, 2000 p. 78)

No que se diz respeito a primeira infância, no autismo a mãe diante do choro, da inquietação, do grito, interpreta aquilo enquanto uma demanda do bebê, entretanto este bebê se posiciona enquanto indiferente a esta interpretação, não há demanda. Para Jerusalinsky o que se pode fazer em posição do analista diante do autismo são hipóteses, já que este sujeito tem precariedade diante da linguagem, muitos não utilizam da fala.

Anos mais tarde (2010) aponta que apesar de poderem existir questões genéticas, não só elas explicam a forma que um sujeito se porta, há algo além disto como os fatores epigenéticos e as circunstâncias psíquicas que comparecem. Critica a posição tomada pelos modelos comportamentais do autismo enquanto incurável que impedem o sujeito de se constituir. Para a psicanálise, por outro lado, há a possibilidade do advir de um sujeito. Ademais, assim como Lasnik, indica a importância da intervenção precoce da psicanálise diante do autismo em direção à maior possibilidade de cura enquanto possibilidade de colocá-lo no lugar de sujeito e no seu desenvolvimento.

Bernardino (2004) situa uma categoria diagnóstica que são as psicoses não definidas na infância, na medida em que ainda não há uma estrutura psíquica definida, podendo encontrar-se com outros desdobramentos para uma psicose ou neurose. Concomitantemente com o que Jerusalinsky já trazia em seus escritos, considera que o tratamento psicanalítico nestes momentos mais precoces tem um papel fundamental para a possibilidade de supor um sujeito, de introduzi-lo na operação significativa, no campo do Outro. Para tanto, o diferencia do funcionamento da paranoia e da esquizofrenia mediante à sua posição diante do Outro, o que implica num manejo também distinto nas demais categorias. Diante do “Outro inexistente do autismo ao Outro persecutório e imperativo da paranoia ou ao Outro devorador da esquizofrenia” (Bernardino 2004, p.84).

Alguns anos à frente, elucida a diferença importante que há no diagnóstico diferencial da psicose e do autismo, que exigem manejos e a relação transferencial é distinta enquanto afirma que na psicose⁷. Para mais, reafirma a importância do diagnóstico precoce de possibilidade de uma psicose, é uma categoria não fixa que sugere a possibilidade de este ao decorrer do seu desenvolvimento mudar para outra estrutura.

Outrossim, já em 1999 havia comentado a respeito de um caso que acompanhou, o de Michel, que mostra como no que inicialmente é trazido enquanto uma psicose não decidida, como um diagnóstico médico de traços autísticos, pode se desdobrar para outro lugar. Como é possível fazer cair o objeto que era encarnado pelo menino, para que se introduza na operação significativa e este passe a surgir como efeito desta operação. A mãe de Michel, ao adotá-lo inicialmente não o desejava enquanto sujeito colocando-o como objeto, afinal o que a levou a adotá-lo foi para fazer companhia para seu primeiro filho adotado. Nessa relação de falta de investimento na criança alguns efeitos foram observados.

A mãe de Michel estava apenas na função de suprir as necessidades do filho e não demandando nada dele. Este estava colado ao objeto *a*, ou melhor, era ele. Escolhe então não se alienar como uma forma de apagar o Outro, tornando-se apenas um ser falado, puro significado do Outro. Entretanto, com o decorrer das sessões, foi possível tirá-lo daquele estado de sofrimento que se desdobrou anos depois (acompanhado por um colega) e não mais havia os traços autistas que outrora apresentava.

Afirma que o exercício da psicanálise nesses casos não é linear, existem avanços e regressos neste percurso. Trata-se de um trabalho em conjunto com a mãe ou cuidador e a criança, para poder compreender qual posição tomada por aquela mãe que deveria encarnar o lugar de Outro primordial para o bebê e de que forma suas histórias pessoais, suas próprias questões têm efeitos na criança. Nesse sentido, situa que a contribuição da psicanálise está

⁷ Sobre a diferenciação estrutural, afirma que na psicose “[...] a relação com o Outro não tem essa recusa tão radical quanto no campo do autismo” (Bernardino 2010, p. 116).

nesse trabalho feito com cuidador e bebê, bem como na suposição de um sujeito, fazendo o objeto cair e introduzi-lo no campo significante.

Maria Cristina Kupfer (1999) Para a autora, por um lado houve um movimento de desresponsabilizar o outro materno diante do autismo. Mas que isso não quer dizer que as mães sejam responsabilizadas, não diz respeito a falta de afeto nem falta de amor. O que ela descreve é que há uma falha na função de Outro encarnada pela função materna. Na psicanálise não é relevante adentrar a discussão de sua origem enquanto biológica/psíquica e se o sujeito advém a partir da relação com o Outro, do efeito da operação do significante, é nesse sentido que se compreende o funcionamento desta estrutura.

Sendo assim, a autora afirma que “as mães não são culpadas, mas responsáveis pelo destino subjetivo de seus filhos” (KUPFER, 1999, p. 101). Quer dizer que, estando fora da linguagem, da operação significante, o que há na verdade é uma função fantasmática da relação mãe-bebê, a mãe enquanto encarnação do Outro falha em sua função de supor um sujeito, afinal sem a suposição de um sujeito há apenas um corpo biológico. É nesse sentido que opera o trabalho do analista, que irá tomar o lugar desta função materna e supor um sujeito, a partir dos destroços de uma inscrição que não ocorreu, colocá-los no lugar da operação significante.

Pouco tempo depois, em 2000, aponta para a diferença entre a psicose e o autismo. Enquanto na psicose há a identificação primária, entrada no campo da linguagem, mas não no discurso, no autismo não chega a realizar a identificação primária. Na psicose o que há é a forclusão do nome-do-pai onde o sujeito encontra-se alienado no Outro materno sem furos. Quando não há recursos simbólicos suficientes diante de uma situação, o nome-do-pai que seria um filtro para o gozo em excesso estando foracluído, o sujeito apresenta delírios e alucinações. No autismo por outro lado há uma falha da função materna, é um bebê desinvestido da libido, de uma marcação corporal, de marcas do Outro materno. Há também o autista considerado atípico, que são aqueles que diante de uma patologia apresentam traços autísticos tais quais, a síndrome de Down, síndrome do x frágil e a síndrome de Treacher-Collins.

Pode-se dizer então, que na medida em que os estudos acerca da temática do autismo na psicanálise avançam, é possível constatar-se as diferenças no que diz respeito à estrutura psicótica e o funcionamento subjetivo do autista, em relação à sua constituição, com a presença do Outro e com a linguagem. À vista disso, o que há de semelhante nessas teorias apesar das divergências, é o seu funcionamento singular, subjetivo diante da linguagem, estas particularidades que os fazem diferenciar-se das demais categorias, apesar de alguns teóricos categorizar o autismo na psicose, consideram que é em suas particularidades diferente em relação a paranoia e esquizofrenia pela falta dos fenômenos elementares dos delírios e alucinações.

Nesse sentido, é possível observar as diferentes maneiras que o autismo se apresenta no discurso do Outro, a importância da relação mãe-bebê. Na infância enquanto desinvestida de libido materna, sem contornos corporais, sem bordas, que não direciona o olhar. Nas síndromes enquanto traços autísticos devido à posição objetificada que são colocados. Portanto, no que diz respeito ao funcionamento autístico, que diferentemente do discurso médico e científico em sua função de objetificá-los, a psicanálise busca colocá-los no lugar de sujeito, aquele que é responsável pela sua narrativa, pelas suas vivências e modos subjetivos de se constituir. Para tanto, levando em consideração a singularidade deste funcionamento, enquanto estrutura que se diferencia da neurose, psicose e perversão em seus modos de se posicionar diante do Outro, da linguagem, a discussão seguirá para aqueles autores depois de Lacan diante da hipótese do autismo enquanto uma quarta estrutura psíquica.

3.1 O autismo entendido como uma quarta estrutura

Rosine e Robert Lefort já indicavam a distinção do autismo no caso do menino lobo, como já mencionado anteriormente, mesmo que na época em questão não tivesse sido utilizado este termo para defini-lo. É, então, a partir dessas experiências que observaram que diante das diferenças de funcionamento, o autismo não se enquadraria enquanto estrutura neurótica nem perversa e não se enquadraria enquanto outra categoria da psicose. Alguns leitores de seus escritos consideram que falam a respeito de uma a-estrutura e outros de uma quarta estrutura psíquica, que é a posição defendida nesta produção.

Nesse sentido, neste tópico discute-se sobre o autismo enquanto uma quarta estrutura diferenciada da psicose, neurose e perversão e que será um dos pontos importantes para o embasamento deste texto, referenciando autores que falam nesta dimensão e seus entendimentos diante do autismo. Inauguro esta sequência de bibliografias com os seguintes autores pela valiosa contribuição diante da hipótese, além de que, foram Rosine e Robert Lefort quem primeiro formularam a hipótese do autismo enquanto uma estrutura diferente da neurose, psicose e perversão.

Observaram (1984) que, no autismo há o estabelecimento de duplos ao comentar o caso de Marie-Françoise, em que indica este enquanto função de tapar o furo em seu corpo real, como quando a bebê coloca o objeto, brinquedo do marinheiro em seu olho, da mesma forma defendendo-se da invasão do Outro. Rosine indica que "O marinheiro, é o Real, é seu duplo que a defende do significante do objeto de meu corpo." (ROSINE E ROBERT LEFORT, p.233, 1984).

Estes duplos podem perder este estatuto na medida que não fazem mais estas funções, podendo ser substituído por outro. Além disso, aponta para o aspecto destrutivo da pulsão que há no autismo, pulsão esta que concerne a pulsão de morte. Esta pulsão que se entende destrutiva e ao mesmo tempo de caráter autodestrutivo é representada na violência de Marie-Françoise acometida contra o real do corpo de Rosine ou enquanto quebra os brinquedos jogando-os no chão.

Rosine e Robert (2017) indicam que no autismo não há alienação, afinal para este sujeito autista não há o Outro e por consequência não há a extração do objeto. Essa não alienação e anulação da alteridade do Outro, é explicitada pelo lugar que Marie coloca Rosine, enquanto endereça seu apelo ao vazio da janela e não a ela que lá se presentifica.

Sendo assim, apontam para uma distinção entre autismo e psicose, que é sua relação com o Outro e com a linguagem. No autismo como não há o Outro, não há o S(A). Dessa maneira não há desejo, o Outro não é barrado e não tem furos, não havendo a articulação ao significante binário. O autista não destaca o objeto voz e nem direciona o olhar ao Outro. Por outro lado, na psicose seja da categoria esquizofrênica ou paranoica, a falta de barra no Outro se dá pela não inscrição do nome-do-pai, e por esta falta de articulação na cadeia significante não estão no discurso permanecendo alienado na relação fusional imaginária com a alteridade o Outro.

Nesse sentido, verifica-se que uma das grandes distinções do autismo e da psicose é que no primeiro não há a presença do delírio, não há desencadeamento e apesar de haver forclusão não ocorre da mesma forma que na psicose onde o Outro que se apresenta enquanto alteridade que goza. No autismo, não havendo o Outro, não chega nem a alienar-se, não há demanda, o sujeito que goza destrutivamente e de forma autodestrutiva, qualidade esta que se refere a pulsão de morte.

De acordo com o que considera Éric Laurent (2012), no autismo há a forclusão⁸ do furo. Não há o furo no real mediado pelo registro simbólico. Para ele é por meio desta

⁸ A forclusão do furo diferencia-se da forclusão na psicose, vem antes da forclusão do nome-do-pai e implica no sujeito em realizar o (-1) pela via do real através da automutilação como já mencionado anteriormente no caso do Robert, o menino que gritava *O lobo!* acompanhado por Rosine e Robert Lefort no qual o menino tenta cortar o próprio pênis.

foraclusão que o sujeito se protege do ruído de lalíngua, ao tapar os ouvidos. Nesse ínterim como não há a formação de um furo, e por consequência a não formação de uma borda, pela extração da letra diante do enxame de S1, que é lalíngua, algo não ocorre entre lalíngua e o destaque da letra. Afinal diante deste insuportável sonoro, a letra não produz furos o que não permita ela de se ligar ao significativo binário do saber, havendo uma sequência de S1-S1-S1⁹.

Em face da falta deste furo, Laurent indica que há o retorno do gozo sobre a borda e não sobre o corpo ou sobre o outro como na psicose. Cria-se, portanto, uma *neo borda*¹⁰ no lugar dessa falta de um corpo imaginário indicada pela recusa do Outro de quem não recebe a mensagem invertida de si. Uma defesa que o permite a partir deste encapsulamento proteger-se da invasão do Outro.

Dessarte, se no autismo não há a inscrição do (-1) no real, a letra cujo destaque provoca furo realizado pelo simbólico no real, não há furo diante do gozo em excesso de lalíngua, não há como filtrá-lo e destacá-lo pela letra e, portanto, não há formação de uma borda. São fatores que indicam a letra que é para este sujeito sem furos, inequívoca e mediante a qualquer ameaça de impermanência que venha pôr em risco este funcionamento, ocorrem as crises.

Maleval (2009) considera o aspecto vocal do autista, visto que muitos sujeitos autistas se utilizam da fala que apresenta suas particularidades. Pela dificuldade prosódica, apresentam uma voz artificial, sem entonação, sem controle da altura, ademais com uma grande dificuldade de falar no que tange seu aspecto mais íntimo, falar sobre si. Maleval dá a importância ao aspecto da voz porque ele comporta gozo e indica a presença de um sujeito. O sujeito autista, para ele rechaça a alienação à dimensão do Outro e da linguagem, na medida que na infância tapa os ouvidos ao ruído ensurdecido de lalíngua¹¹ e quando utilizam da voz¹², a controlam sem deixar que por ele vá um pedaço de si. Essa voz não o divide e faz com que tenha controle de sua impermanência. Comenta que mesmo os não verbais podem sair deste estado de mutismo, pronunciando uma frase ao serem expostos à uma situação extremamente traumática.

Sendo assim, consolida-se que na constituição subjetiva do autismo há a recusa de renunciar ao objeto voz que comporta gozo, este sujeito busca mantê-la sob seu controle evitando a impermanência empregada por ela. Há aqueles que tapam seus ouvidos mediante ao impacto da invasão do desejo do Outro e aqueles que, mesmo utilizando-se da verbalização, apresentam uma língua que não está ligada ao seu mais íntimo, aos seus sentimentos e afetos. Fatores estes que indicam a não linearidade na evolução do autismo que difere em cada sujeito, aqueles que irão permanecer no mutismo e utilizar da escrita, dos símbolos para comunicar-se e aqueles que utilizam da voz, não endereçada ao Outro, controlada e que não o divide. Ainda assim, como formas de impedir a invasão diante do insuportável impacto desse objeto, protegendo-se da invasão deste Outro.

Concomitante com a ideia dos Lefort, Jean-Claude Maleval (2015) situa o autismo enquanto uma quarta estrutura psíquica, diferenciando-a da psicose afinal não há desencadeamento, para ele o autismo se apresenta desde a mais tenra infância, desde o nascimento. Em relação aos aspectos evolutivos estruturais, não há evolução para uma psicose, mas continua estruturando-se subjetivamente enquanto autismo. Apesar de ambos apresentarem a foraclusão do nome-do-pai esta não é uma função que concerne somente à

⁹ O que há na psicose é o efeito da quebra de articulação significativa entre S1-S2, entretanto no autismo não há essa não articulação o S1 não se liga a outro significativo, permanecendo reiterado. (Laurent, p. 103)

¹⁰ Os objetos autísticos, os duplos e as ilhas de competência. (Laurent, p. 78)

¹¹ Maleval afirma que a lalíngua no sujeito autista é empobrecida pois não há capacidade de extrair um significativo mestre S1 bem como o destaque de uma letra que faz furo pela via do real. Além disso, afirma que é uma das formas do sujeito autista de entrar na linguagem (desconectada de afeto), seja pela lalação pobre ou mais tarde pela escrita. (Maleval, 2018).

¹² Para Maleval, a voz não diz respeito ao som, é um objeto de gozo, "mas aquilo que carrega a presença de um sujeito em seu dizer" (Maleval, 2009, P. 91)

psicose. O que há de semelhante está na presença do objeto *a* colado ao corpo, feito pela não queda desta pela articulação de S1-S2.

Desse modo, no que tange a psicose este objeto retorna sob a forma de delírios e alucinações, uma voz exterior ou o Outro que goza de maneira escópica ou persecutoriamente. Por outro lado, o autista domina este objeto na medida que controla a voz, recusa o olhar do circuito pulsional escópico, através dos duplos, objetos autísticos e interesses específicos, que são suas formas de fazer borda, de um gozo que retorna na borda. As formas que ele encontra de não ceder o gozo vocal, se dá através da comunicação pela escrita, ou pelo controle desta voz desatrelada de afeto.

Bayón (2018) contribui acerca da questão do autismo a partir da fundamentação dos autores já supracitados. Situa o autismo entre lalíngua e a letra, sendo esta primeira a substância sonora que causa impacto no corpo, como um primeiro gozo que comporta vários S1. A linguagem, por outro lado, funciona na medida em que redistribui este gozo que estava em excesso. Há, portanto, em primeiro plano o exame de S1 de lalíngua que comporta gozo, o destaque de uma letra que faz furo no real e esvazia o gozo extraíndo S1, fazendo assim, uma borda, o que não acontece no autismo, não há borda, não há o (-1) no real.

Para o autor o autismo concerne a redução significativa ao seu estado mais primitivo que é do Uno solo¹³ sem que passe para o campo do Outro. Bayón localiza o autismo enquanto habitado pela lalíngua, não há a efetivação da alienação, portanto a letra não realiza furo. Em consonância com o que Éric Laurent postula, estabelece que há no autismo a forclusão do furo, podendo a letra se inscrever, mas em seu estado inequívoco, para que não haja impermanência. A letra não se liga a outro significante, permanece iterada em sequência a si mesma (S1-S1-S1 ou o uno, uno, uno).

Dessa maneira, restitui o que Maleval fundamentava sobre a existência do rechaço da alienação, que na verdade há a forclusão do furo que a letra produz. Há a letra sem furos, portanto para ele o autismo estaria localizado entre lalíngua e a letra, mas que não habita a linguagem. O que demonstra a relação do autismo com a impermanência, restrições alimentares, a literalidade da palavra não havendo metáfora nem metonímia e o impacto que o furo implica por ser para este sujeito insuportável, por isso precisa manter o controle deste objeto a fim de não o dividir.

Ante do exposto, reconhece-se que a partir do que postulam estes autores, concordam em afirmar que o autismo se estrutura enquanto quarta estrutura psíquica, que há como diferenciá-la da psicose em seus aspectos evolutivos, do seu posicionamento diante do Outro, da retenção da linguagem, impactam na direção do tratamento apontando para um manejo clínico distinto em relação a esta constituição subjetiva, em seus aspectos transferenciais e o lugar ocupado pelo analista.

3.2 A direção do tratamento: manejo e transferência

Falar em psicanálise implica em falar nela enquanto estudo e aplicação clínica, nesse sentido como se daria a transferência em um sujeito que não supõe o saber do Outro, que não o coloca em um lugar de saber para seu sofrimento? Um sujeito que não está barrado e que algo não ocorreu no destaque do significante S1 do Outro. Como operar psicanaliticamente de uma maneira que não gere ainda mais fechamento e ainda assim permitir que faça laço social para que de alguma forma possa comunicar seu sofrimento, para que possa lidar com a impermanência de forma menos avassaladora e destrutiva. Para que possa se comunicar sem que se apague por completo, afinal a partir da fala um gozo opera, quando se fala algo de si

¹³ O Um só. Esse um. [tradução nossa]

também parte, um gozo se direciona do interlocutor para um destinatário, a voz comporta articulação de gozo.

Entende-se, portanto, que há transferência se houver a delegação de um sujeito suposto saber, de alguém que terá as respostas para a urgência do sofrimento que o analisando traz. Ela pode ser constituída dentro e fora da análise, mas não há análise sem transferência, sem o amor de transferência, afinal “O amor será o que tornará possível que o inconsciente exista como saber.” (BOCCA, 2010 p.4).

A transferência parte então de um sujeito que demanda um suposto saber do analista que faz o semblante deste mesmo para que seja realizado o manejo da transferência de acordo com a estrutura clínica. Para a realização de uma transferência antes da delegação de um sujeito suposto saber. Entretanto, esta lógica não se aplica ao sujeito autista, visto que ele não se direciona ao Outro no lugar de alteridade que contém o saber (S2- significante binário), no autismo não há a articulação S1-S2, nesse ínterim há a clínica do Uno solo, do corpo que se encontra tomado ao registro do real, sem furos. No lugar do sujeito suposto saber, há (uma posição invertida da transferência) o sujeito suposto interessar-se no trabalho que faz o autista, sustentando assim uma clínica do encontro para que seja possível dar lugar às diversas formas de subjetividade que estes sujeitos apresentam. (GONZÁLES, instituto TEADIR, 2020).

Não se trata do tratamento clássico no qual interpretam-se os fantasmas e o inconsciente do sujeito como na neurose. Lasnik, como tal, na clínica com bebês que podem vir a tornar-se autistas, direciona o tratamento em função de permitir que esse sujeito venha advir. É um trabalho feito não só com o bebê, mas também com seus cuidadores, Lasnik toma muitas vezes o lugar de Outro para este bebê, como “tradutor de uma língua estrangeira”. (LASNIK, 1995, pág. 8).

No autismo a voz e a linguagem não estão ligadas e mesmo aqueles autistas que se utilizam dela, o fazem sem renunciar ao gozo vocal que está em excesso. É possível que o analista se coloque então no lugar de Outro que escuta e permite que o autista ceda o objeto voz permitindo o advir do sujeito. Lugar tomado pelo analista que “visa permitir ao sujeito autista, que não estranhe sua voz, que tome a palavra e regule assim um gozo vocal vivido em excesso.” (ACERO, 2013, p. 04)

Diante da dificuldade de extrair o objeto que está colado a ele, o analista busca inserir nesses automatismos a instância da letra admitindo para que assim, seja possível quebrar a continuidade de uma identidade absoluta que os exclui da operação significativa, "Trata-se da intromissão arbitrária do Outro que, em posição Primordial, orientado pelo significante, seja capaz de criar a cena em que a letra faça marca sobre os automatismos neurobiológicos. Traço que, para se produzir, precisa da ruptura de uma continuidade." (JERUSALINSKY, 2013, pág. 123)

Neste movimento o analista permite que o gozo em excesso de língua seja filtrado pela voz sem que sua existência se apague, da mesma maneira que operam os fenômenos de borda no autismo como os duplos, que os permitem obter a mesma operação. Éric Laurent indica que “A transferência, por sua vez, instaura o analista como o lugar do qual se pode arrancar o objeto. Em sua tentativa de construir uma posição relacionada ao saber, a criança autista se alivia do Outro malvado que a deixava fora de si em meio a crises impossíveis de suportar” (LAURENT, 2007 pág. 34).

Assim, a psicanálise opera contra a maré de objetificação que o discurso médico e científico coloca o autismo, discurso que faz sofrer tanto o sujeito autista quanto seus cuidadores com a ideia de que são incuráveis ou de que seu funcionamento é uma patologia. Quinet (2006), por sua vez, sobre o autismo afirma que:

Em relação ao autismo – desinvestimento libidinal do mundo –, o investimento da palavra, da representação da palavra e de suas concatenações representa “a primeira tentativa de recuperação ou de cura que tão manifestamente domina o quadro clínico

da esquizofrenia”. Isto significa que a fala, ainda que bizarra, maneirista e neológica, pode ser psicanaliticamente considerada uma tentativa de cura, pois é um meio de o sujeito tentar recuperar o objeto, procurando assim estabelecer um laço significante com os objetos do mundo (QUINET, 2006, p. 80).

Diante destas formas de estabilização, acolhem-se estas manifestações e não os toma em uma dimensão patologizante como do discurso médico e científico. No autismo há a tentativa de estabilizar-se, de realizar um laço através dos duplos, ilhas de competência, objetos autísticos, interesses específicos. É nesse sentido que vale reiterar a importância do diagnóstico diferencial do autismo e da psicose, visto que o direcionamento do tratamento nestes casos é divergente.

A psicanálise não se refere ao autismo enquanto doença, transtorno ou patologia. Diz respeito a uma posição subjetiva, um modo de ser e estar no mundo. Portanto refere-se enquanto sujeito, de dar lugar a este sujeito para que ele possa advir. A posição da psicanálise acerca do autismo está em permitir que não haja tanto fechamento em relação ao seu aspecto enunciativo, de modo que permita a realização de um laço social. Opera-se através do objeto voz, dos duplos, dos interesses específicos e ilhas de competência, nas formas que o sujeito autista encontra de fazer laço.

4. AUTOBIOGRAFIAS: O que nos dizem os autistas?

Para o sujeito que se encontra no autismo, uma possível saída para a extração do excesso de gozo está através da escrita. Através da escrita autobiográfica é possível que se faça um laço social sem que seja ameaçador para o sujeito, ou seja, sem deixar que o outro lhe invada. Uma das possibilidades de extrair o gozo está pela via do imaginário, real e simbólico, de modo que seja possível a inscrição de um (-1) no real. Sendo assim, a seguir serão analisadas as autobiografias de dois sujeitos autistas, evidenciando a singularidade de sua constituição bem como as suas formas particulares de ser e estar no mundo.

Grandin (2011) atribui seu desenvolvimento a educação que teve acesso e enfatiza a importância do trabalho diante dos interesses específicos das crianças, das crianças autistas. Afirmava que desde os seus dois anos de idade foi matriculado em uma escola maternal para crianças que tinha problemas na sala contava com a ajuda de uma fonoaudióloga e uma professora, ela afirma que por vezes acabava perdendo o foco e sua professora intervia sem que sua presença se tornar-se invasiva para que não permanecesse naquele elemento de fixação.

Desde muito cedo recorda que no jardim de infância já desenvolvia suas habilidades artísticas e criativas e por consequência conseguiu desenvolver a sua fala e livrar-se da sua agressividade e violência ao ser contrariada. Anos mais tarde já com oito anos ao ser inscrita em uma escola normativa apesar de já falar havia alguns problemas leitura, afirma que o acolhimento da mãe que a ajudava a ler foneticamente as palavras em seguida trechos e parágrafos maiores a ajudaram bastante.

Neste momento de seu desenvolvimento ela atribui todo a sua evolução a seus professores e ao trabalho da sua mãe, entretanto afirma que a ajuda psiquiátrica e psicológica não fora de tanta ajuda assim, visto que eles buscavam eliminar os seus interesses específicos a que denominava de fixações. Conta que foi expulsa dessa escola e sua mãe a matriculou em um colégio interno específico para estudantes com problemas afetivos. Foi nessa escola que se deu o encontro de Grandin com o professor Carlock. Explica que “Carlock pegou meus interesses e os usou como motivações para trabalhos escolares. Quando lhe falei sobre símbolos visuais e portas, ele me deu um livro de Filosofia.”.

Grandin apesar do enfrentamento de impasses no decorrer de sua vida, contou com a série de acolhimentos que a ajudaram a desenvolver-se, ampliar através de seus interesses

específicas respostas para as suas perguntas em relação ao mundo. Foi a partir do seu interesse específico pela simbolização das portas e pelo seu interesse em construir uma máquina que a pressionasse e o porquê que essa pressão lhe causava relaxamento, que o seu professor pôde intervir de maneira que a incentivou a ler livros de filosofia e compreender artigos científicos. Afirma que:

Os professores precisam ajudar crianças autistas a desenvolverem seus talentos. Acho que há ênfase demais nas deficiências e pouca ênfase em desenvolver capacidades. (GRANDIN, 2011 p. 124)

Ainda assim, afirma que esse trabalho dentro dos interesses específicos é uma porta de entrada para a interação social do sujeito Autista. Entrar em um processo educacional implica na convivência com outras pessoas a relação com os códigos sociais de interação e lidar com regras, para Grandin seu comportamento estava ligado na lógica, nas regras e não baseadas no comportamento social que não compreendia tanto. Temple atribui sua forma de pensar e de agir ir ao computador que utiliza de algoritmos e armazena informações e é dessa forma que ela consegue lidar com as situações diversas de sua vida.

Apesar de ter se formado em psicologia, seu interesse pelos animais aumentou gradativamente e foi diante dessa paixão que decidiu fazer sua pós-graduação em zootecnia desenvolver sua pesquisa a partir do comportamento do gado. Atribui o interesse aos animais aos seus familiares, da sua interação com os animais ao trabalhar no rancho de sua tia no Arizona. Grandin observava o brete de contenção que é utilizado no gado para que fossem realizados alguns procedimentos tais quais a vacinação, fazendo-a ter interesse em testar em si mesma este aparelho em um momento de crise. A partir disso ao observar os efeitos que o aparelho produzia em si mesma, buscou construir a partir da visualização deste, uma máquina que pudesse apertá-la da mesma forma, promovendo relaxamento.

Maleval nota que a máquina de abraço funcionava para Grandin como um objeto autístico. De acordo com ele “Esse objeto não somente capta o gozo do autista, mas, em suas formas elaboradas, possui uma notável capacidade dinâmica[...]” (pág. 27, 2015), de maneira que a permite a ter controle sobre esse objeto. É, então, para o sujeito autista um objeto apaziguador para proteger-se da angústia. O que diferenciaria então no objeto α que está colado ao corpo do psicótico, no autismo haveria o domínio e retenção dos objetos pulsionais principalmente o olhar e a voz. Grandin já havia imaginado desde o seu ensino fundamental uma máquina que poderia aplicar uma certa pressão em seu corpo, já aos seis anos de idade relata que “enrolava-me em cobertores e ficava embaixo de almofadas de sofá, pois a pressão era relaxante.”¹⁴

Para Temple sua forma de pensar por imagens ajudou a construir seus projetos tal qual a máquina do abraço, construída a partir da observação do brete de contenção. Ela explica que “armazeno informações na minha cabeça como se ela fosse um CD-ROM¹⁵”. Sua capacidade de pensar por imagens a permitir compreender metáforas e passar por grandes mudanças. Compreender a metáfora observando sua imagem visual e fazendo associações vou passar por uma grande mudança em sua vida a partir da imaginação da travessia de uma porta, mas que essa não implicava em seu fim, mas sim uma abertura para outras portas.

Sua maneira particular de pensar através de signos e com a sua função e significativa ação que Grandin fala que muitas vezes no autismo existe uma associação entre a palavra e o seu significado que muitas vezes pode ser errônea. Como quando fala que utilizava a palavra “acusação” quando a sua pipa caía no chão, apesar de não saber o que significava gostava de como soava esta expressão.

¹⁴ Pág. 74 Grandin.

¹⁵ Pág. 19. Grandin.

Desta forma é notável a importância que foi para Grandin o trabalho diante de seus interesses específicos e de seu objeto autístico máquina de abraço para que pudesse abrir-se para o mundo, desenvolver-se. O que muitas vezes não é observado, ou nenhuma vez é observado os modelos escolares do Brasil e do mundo no qual tentam incessantemente enquadrar todas as crianças e um modelo único de aprendizado sem que se compreenda a dimensão subjetiva de cada sujeito.

A educação inclusiva nestes espaços e não somente integrativa tem papel significativo nestes casos. Permite que o sujeito desenvolva se ao seu ritmo e da sua maneira de modo não padronizado. O papel da educação, dos pais e dos semelhantes tem grande importância para o desenvolvimento do sujeito autista bem como sua abertura para um laço social. Compreender que a forclusão é na verdade uma forma subjetivo do sujeito se constitui diante da castração, dentro da linguagem e do outro. O apoio que Grandin recebeu apesar de ter passado por dificuldades e de passar por dificuldades ainda ajudou neste processo, entretanto isso não se aplica à realidade de todos os sujeitos autistas acho que nem todos têm essa oportunidade de frequentarem escolas específicas ou de receberem apoio de seus cuidadores.

Temple reconhece que generalizava em publicações anteriores nas quais dizia que pensava que todos os autistas pensavam por imagens, agora reconhece que algumas pessoas não autistas também pensam através desse recurso e que outros autistas pensam de outras maneiras, seja de forma cifrada, algorítmica ou por padrões. Para Grandin é importante que se reconheçam os pontos fortes dos autistas e suas maneiras particulares de pensar e trabalhar diante disso promovendo o seu desenvolvimento. Por exemplo ao conhecer Tito Mukhopadhyay o questionou sobre como se daria para ele o reconhecimento visual e ele lhe responde digitando que reconhece fragmentos de cores, mas que não conseguia integrar os aspectos da visão e audição ao mesmo tempo. Para ela, Tito parecia ser um autista não verbal de baixo funcionamento, entretanto ao falar com ele provou para si o contrário. Tito digitava o que queria responder sem ter dicas da mãe.

Tito Rajarshi Mukhopadyay é um jovem indiano diagnosticado com autismo severo e não-verbal desde criança, considerado do tipo grave. Tito fez sua amarração e entrada no campo do Outro pela via do imaginário através do espelho e pelo simbólico através da escrita de modo a não colocar o gozo vocal em jogo e não se alienar no campo do Outro, não deixando ele o invadir com sua presença. Em “How can i talk if my lips don’t move?”, ¹⁶livro autoral escrito em primeira pessoa, relata memórias desde seus dois anos de idade. Suas experiências ficam bem fixadas, marcadas.

Para Tito os registros do real, simbólico, imaginário encontravam-se sem consistência. O imaginário vacila visto que para ele em sua infância, sua sombra era parte de seu corpo, a transparência de sua mão ao farfalhar, os objetos através do espelho contavam histórias com fragmentos de cores. A incidência da voz que apaga as histórias que o chão lhe contava em vermelho, histórias que as paredes e as cortinas lhe contavam. Demarca também uma não articulação entre visão, fala e audição.

O seu objeto espelho teve um papel fundamental no seu desenvolvimento, o qual para Tito era apaziguador, na sua infância viu o mundo através desse espelho. A imagem refletida por esse espelho que é uma tentativa de dar consistência ao laço imaginário. Passava a observar a si e ao mundo através dos reflexos, no espelho do consultório onde frequentava, via suas mãos farfalhando. Relata que as histórias eram contadas em cores através do espelho que refletia os objetos, sob o limite do alcance de sua borda.

¹⁶ Mukhopadhyay, T. R. How can I talk if my lips don’t move? inside my autistic mind. 1ªed. New York: Arcade Publishing (1 abril 2011).

Entretanto não podia esperar do espelho refletir sua voz, o espelho real pra Tito não era capaz de estar no lugar de outro no qual ele poderia extrair o objeto voz. Para ele o espelho não refletia o som de palavras simples então concluiu que “Somente depois de dominar como refletir palavras básicas, ele será capaz de seguir outras explicações como, "Esforce-se para refletir¹⁷".

Tito explica que que as pessoas só conseguiam compreender as vozes em sons, mas que se prestassem atenção suficiente conseguiriam ouvir as histórias pintadas em fragmentos de cores que os objetos refletidos contavam. Para ele era como se o espelho capturasse a imagem e o objeto real tornasse transparente.

Tito não posiciona o objeto no lugar do Outro materno, então não é capaz de extraí-lo. É ao espelho a que Tito se direciona. Encarava o espelho esperando movimento dos seus lábios refletidos, mas eles continuavam parados, estáticos. Observava o mundo através do espelho, o espelho como a porta de um espaço, como função de um olho que permite selecionar do ponto de vista do próprio, as estórias que entravam ou saíam dele, como capaz de filtrar, extrair o gozo vivido em excesso. Se por um lado o gozo não é extraído por meio da entrada na linguagem, da articulação com o significante binário do saber, é feito por Tito por outra via. O espelho refletia imagens, cores, estórias. Foi através espelho que permitiu a Tito fazer um enlaçamento social.

As sombras e os reflexos eram seguros para ele, tinham efeito de apaziguamento. Os objetos refletidos contavam histórias em cores, entretanto as sombras não lhe contavam histórias, as sombras roubavam as cores dos objetos. Em “*Shadows the color of my scream*” expõe que as sombras eram para ele como uma extensão de seu corpo, e que a sensação de perdê-la era como perder uma parte dele, seu grito mediante o desaparecimento de sua sombra com a chegada na noite poderia colorir o escuro, a cor de seu grito.

No funcionamento autístico pelo efeito da extração de uma letra inequívoca que se itera, formando uma sequência de S1-S1-S1-S1, há a preferência por aquilo que é permanente, visto que a impermanência dá sinal de que há um furo que para o sujeito autista é insuportável. Para Tito a impermanência era algo devastador, conta que para ele funcionava da seguinte forma: exemplifica que em sua infância, se uma pessoa passasse debaixo da árvore e observasse um pássaro na árvore, para ele estes dois eventos estariam ligados, ou seja, se articularia daquela maneira. Conta que “Toda vez que um pássaro pousa em uma árvore alguém precisa andar pela rua”.¹⁸ Caso isso não ocorresse da mesma maneira ocasionaria crises, gritos.

Muitas destas crises ocorriam para Tito atreladas ao quesito da impermanência e que muitas vezes sua mãe não entendia o motivo dos seus gritos. Tito não fala, e apesar de compreender muito bem o que as vozes diziam, os seus lábios não se moviam, então ele retoma ao espelho e vê que seus lábios não se movem.

Nota-se a diferença do funcionamento subjetivo de Tito e o de Grandin. Foi através do contorno das sombras que Tito pode dar fronteira à borda de seu corpo, não permitindo que ele desaparecesse por completo. O desaparecimento de seu corpo era a causa de diversas crises, conta que a sua sombra que lhes fazia companhia aparecia nas manhãs, entretanto ia embora ao chegar à noite como se o seu corpo deixasse de existir, de modo que por incentivo de sua mãe começou a traçar formas na sombra de seu corpo e prendê-la no lugar.

Tito percebeu que daquela forma poderia “prender suas formas entre os limites do seu traço de giz”¹⁹ podendo desse modo registrar a sua história. Este movimento foi para ele evidentemente acalentador visto que pôde evitar o desaparecimento por completo de seu corpo e de sua existência. Por conseguinte, foi desta maneira que ele começou a traçar a sombra

¹⁷ Pág 5 “the color of basic words” de Tito Mukhopadhyay na mesma publicação.

¹⁸ Pág 7 “the color of my scream” de Tito Mukhopadhyay na mesma publicação.

¹⁹ Pág. 31 de Tito Mukhopadhyay na mesma publicação.

produzida por outros objetos e mesmo sendo apagados pela ação da água, da limpeza da casa aquilo não era mais para ele desesperador.

Tito já sinalizava nesses primeiros momentos que para ele a escrita seria uma forma de contornar a sua existência e não deixar que seu corpo desaparecesse por completo. Grandin uma vez o questionou como seria para ele antes da escrita e de aprender a digitar e ele a responde “vazio”. (GRANDIN, pág.98, 2011). Demonstrando a importância da escrita como marca de sua história e método de fazer uma borda de modo que o excesso de gozo seja extraído.

Durante seu desenvolvimento, Tito conseguiu elaborar uma amarração dos três registros do real, simbólico e imaginário. O imaginário através do espelho e das coisas que ele refletia, o espelho enquanto o objeto real que funcionava para Tito como sua forma de observar o mundo. Mais tarde através da escrita Tito consegue enlaçar o registro simbólico, apesar de não utilizar o recurso da sala os seus escritos funcionaram como uma marca, uma forma de tornar permanente sua história e de não cair no eterno vazio. Através da escrita, Tito conecta-se com o social, relata suas percepções do mundo, e o impacto deste em sua vida. Conseguiu realizar por meio da letra um furo no real que antes estava consistente sem furos.

Relata um acompanhamento psicológico clínico que realizou e diante desse descreve que relembra que a psicóloga havia escrito não-resposta mediante ao seu comportamento, e pelo fato de agitar as mãos, de não falar, não conseguir respondê-la recebeu o diagnóstico de autismo. Com efeito, ele descreve “Eu fiz uma lista completa de coisas que eu pensei que tinham autismo²⁰”, atribui o autismo as cortinas que se moviam com o vento as grandes e pequenas folhas que se moviam, pedacinhos de papel ou as páginas de um livro aberto. Tito faz uma crítica em relação à alguns psicólogos clínicos que avaliam sua inteligência pelo que pode fazer e não pelo que pensa.

No decorrer de seu desenvolvimento, Tito percebe que o espelho era na verdade um objeto de superfície plana feito de vidro, entretanto não sabia como para ele se torna algo tão vivo e o porquê as sombras para ele fazem com que as histórias parem de serem contadas. Diante disso para Tito surge um grande questionamento, se ele percebia o mundo da mesma forma que as pessoas neurotípicas. Com efeito, faz este questionamento à sua mãe e nota algumas diferenças. Tito conta que ela diz perceber várias respostas sensoriais ao mesmo tempo e pensamentos, cheiros, cores, atenção, enquanto ele primeiro repara fragmentos de cores e depois forma a imagem generalizada, não conseguia integrar a visão e os sons.

Foi a escrita que permitiu a Tito fazer um laço social de maneira que o outro não era invasor, escrever tornou um enlaçamento simbólico importante. Sua mãe por sua vez foi quem o ajudou no processo de aprendizado da escrita podendo então se comunicar é escolher suas próprias roupas, o que gostaria de comer, poderia comunicar suas vontades e marcar sua história e ao fazer isso Impedir que sua existência fosse apagada por completo caindo no vazio. Poder escrever sua percepção do mundo colocar-se como autor de sua própria história, escrever suas memórias, ainda hoje Tito Mukhopadhyay é não-verbal, mas encontrou em sua maneira subjetiva de se constituir de ser estar no mundo uma forma de enlaçar os registros do real, simbólico e imaginário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desse artigo de pesquisa bibliográfica constatou-se que no que se diz respeito ao autismo existem algumas divergências no que se diz respeito a compreensão científica, o discurso médico e a orientação psicanalítica. Impasses esses marcados pelo lugar que esses

²⁰ Tradução pessoal.

sujeitos ocupam nestes discursos. O que implica que há um direcionamento de tratamento divergente, este primeiro considera os aspectos biológicos, bem como a lógica de padronização e a aplicação de um único método. Por outro lado, a orientação psicanalítica a subjetividade considerando o seu modo particular de funcionamento bem como o modo de ser estar no mundo.

Nota-se que acerca do autismo a psicanálise não discute aspectos da origem biológica ou psíquica, mas o posiciona como uma constituição subjetiva. Assim sendo, acerca do autismo a psicanálise não exclui a importância da articulação entre os demais tipos de modalidades de tratamento. Por isso não importa saber qual a gênese do autismo, mas como se dá seu funcionamento subjetivo e de que formas este sujeito encontra para construir uma saída para seu sofrimento, que não seja pelo total embotamento afetivo. Mediante a diversas formas que este significante aparece no discurso do outro, fatos estes que apontam para a importância de estudo desta temática.

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral, elucidar a partir do aparato teórico psicanalítico a escrita singular do autista como uma forma de fazer laço social e extrair o gozo vivido em excesso. Constata-se que esse objetivo geral foi atingido afinal, o presente artigo permitiu explicar alguns conceitos da psicanálise lacaniana da primeira a segunda clínica sobre a constituição do sujeito para pensar acerca do autismo, movimento de alienação e separação, gozo. Em seguida observou-se as divergências teóricas da psicanálise e mais adiante posicionou-se diante do autismo enquanto uma quarta estrutura diferente da neurose, psicose e perversão, e não como uma outra categoria da psicose, bem como a importância deste diagnóstico diferencial visto que apontam para o direcionamento do tratamento de maneiras distintas. A partir disso foram feitas análises de duas autobiografias, de Temple Grandin e Tito Mulhopadhyay, dois sujeitos que construíram saídas únicas diante do seu sofrimento, de forma a permitir fazer um furo não desestabilizador na via do real, fazendo assim um quarto laço nos registros que estavam anteriormente sem consistência.

O objetivo específico inicial foi de descrever alguns conceitos lacanianos adquiridos da linguística para explicar de que forma ocorre a constituição do sujeito, alienação e separação e gozo na teoria lacaniana. Dessa forma, foi atingido afinal, a partir desses conceitos foi possível compreender a constituição subjetiva do sujeito autista apontando para o posicionamento de alguns autores que localiza o autismo enquanto presente na alienação significativa ou não, defende-se, portanto, que há no autismo uma não concretização da alienação, que inicialmente encontra-se entre a língua e a letra podendo adentrar ao campo da linguagem, assujeitando-se a ela, que seria a partir do saber o que fazer com o excesso de gozo de língua, entretanto é uma linguagem congelada. Ademais, é sujeito na medida que reconhece a presença do Outro tapando os ouvidos mediante sua presença como já havia indicado Lacan.

O segundo objetivo específico foi verificar diante das divergências teóricas psicanalíticas acerca do autismo para que fosse possível em seguida apontar aqueles autores que localizam o autismo enquanto localizado na estrutura da psicose e aqueles que o localizam enquanto uma quarta estrutura psíquica. Este objetivo foi alcançado na medida que a partir da pesquisa bibliográfica destas divergências teóricas foi possível compreender a importância do diagnóstico diferencial do autismo e da psicose visto que possuem particularidades no que se diz respeito à linguagem e a posição diante do outro, o que implica na especificidade do manejo e no direcionamento do tratamento. Classificar o autismo enquanto psicose implica e não considerar a especificidade de seu funcionamento, ocasionando uma barreira teórica diante do avanço teórico acerca do autismo.

Já a terceira sessão, o objetivo se deu a partir da análise de autobiografias, descrevendo de que forma se dão as elaborações destes sujeitos autistas como forma de fazer laço social e tornar a presença do outro menos invasora. Este objetivo foi alcançado na medida que ao dar lugar para a fala desses sujeitos, foi possível compreender as suas formas subjetivas de ser e de

sua relação com o mundo. Por sua vez, Grandin já havia aprendido a verbalizar mesmo que tardiamente já na sua infância, a partir de seus interesses específicos e objeto autístico da máquina do abraço ela pode a partir desta não borda fazer com que a presença do outro se tornasse menos invasora. Por outro lado, Tito Mukhopadhyay não utiliza da vociferação para comunicar-se, foi através da escrita que foi possível para ele dar contorno há uma borda que antes não existia, dessa forma foi possível furar o real, extrair esse gozo através da escrita, podendo agora comunicar suas vontades, seus interesses e posicionamentos, o que não era possível antes.

O seguinte artigo partiu do posicionamento acerca do autismo compreendido enquanto uma quarta estrutura, em detrimento de sua constituição subjetiva diante, da linguagem e diante do Outro. Durante o trabalho verificou-se que no autismo não há consistência dos três registros simbólico, real e imaginário e há a possibilidade da inscrição de um quarto enodamento para dar consistência a esses registros. Além disso, o autista inicialmente encontra-se entre a língua e a letra, sendo esta letra inequívoca, iterada e sem furos, entretanto há a possibilidade de entrar no campo da linguagem, utilizar-se dela ainda que sem a presença de metáfora. Diante disso, a psicanálise pode manejar através dos objetos autísticos, dos duplos e interesses específicos para que seja possível fazer a extração do objeto, é a partir da relação com o analista que isso é possível.

No autismo, os encapsulamentos são uma forma de extrair o gozo em excesso, é possível a partir do tratamento analítico realizar um enodamento particular dos três registros. O analista pode então ajudar a criar este nó e constituir-se no campo da linguagem adentrar o campo do outro de uma forma que sua presença não seja invasiva, permitindo que o sujeito autista não fique fechado em si. O objetivo da psicanálise é fazer com que crie-se um laço social permitindo que o outro não se torne invasivo, dessa forma o objetivo não é fazer com que o sujeito autista fale, afinal foi possível observar diante dos relatos de Tito que mesmo não utilizando da vociferação, Tito consegue adentrar o campo do outro através da escrita, existem diversas construções sintomáticas que tornam isso possível e a análise dessas autobiografias permitiu que fosse possível observar de que formas estes sujeitos encontraram suas saídas.

Deste modo é notável a grande riqueza das autobiografias dos sujeitos autistas e o que eles têm a dizer. Nota-se que para esses sujeitos a presença do outro é extremamente invasora fator que indica na não cessão do objeto voz e do olhar. Anulam a presença do outro para que não seja devastadora. Entretanto, diante do excesso de gozo é possível que haja uma saída diante desse sofrimento, através de uma construção sintomática capaz de realizar um furo que seja suportável no real, não há um só caminho a ser trilhado cada sujeito irá constituir de sua maneira a sua saída, se por um lado Grandin conseguiu através dos interesses específicos e do objeto autístico da máquina de abraço, por outro lado Tito construiu o seu laço social através da escrita permitindo dessa forma serem sujeitos de sua própria história.

REFERÊNCIAS

ACERO, I. R. (2013) **O que dizem os autistas?** Opção lacaniana. Ano 4, Número 11. P. 1-5. Disponível em

<q=http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/autistas.pdf&sa=D&source=docs&ust=1667874381608424&usg=aovvaw32usokk5yk37c7fswsenpa>. Acesso em 07 nov. 2022.

Bayón, P.A. **El autismo, entre la lengua y la letra:** Perspectivas para el tratamiento analítico. 142 f. Dissertação (Maestría en clínica psicoanalítica) - Instituto Clínico de Buenos Aires – Instituto de Altos Estudios Sociales –

Bernardino, L. M. F. (2010). **Mais além do autismo:** a psicose infantil e seu não lugar na atual nosografia psiquiátrica. *Psicologia Argumento*, v. 28, n.61, p. 111-119. Disponível em: <https://doceru.com/doc/88xcc8e> Acessos em 02 nov. 2022.

Bernardino, Leda Mariza Fischer. **As psicoses não decididas da infância: um estudo psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo'. 2004.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **O que uma analista e um autista podem aprender com Hamlet. Estilos clin.**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 18-29, 1999. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 nov. 2022.

BOCCA, C. **A inversão da função do amor.** Opção lacaniana. Ano 1, Número 2, p. (1-4) julho 2010.

Chatelard, Daniela Scheinkman. **Algumas considerações sobre o termo afânise a partir de E. Jones e J. Lacan.** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2001, v. 4, n. 2 [Acessado 15 setembro 2022], pp. 51-59. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200004>. Epub 24 Out 2006. ISSN 1809-4414. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200004>.

COSTA, Roberta Verônica Ferreira. **A constituição do sujeito no autismo e o olhar do Outro.** Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia, UERJ, 2005. Acesso em 16 de outubro. Disponível em <https://doceru.com/doc/sv5n5vs>.

CRISTINA KUPFER, M. **Psicose e autismo na infância:** problemas diagnósticos. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 96-107, 1999. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 nov. 2022.

ELIA, Luciano da Fonseca. **O Conceito de sujeito.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

FREUD, Sigmund. **A dissecação da realidade psíquica.** Novas Conferências introdutórias à psicanálise (1933). In. **Obras Completas** [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 18, p. 192- 223.

Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol. 3 - A prática analítica Jorge, Marco Antônio Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, 298 págs.

FURTADO, Luis Achilles Rodrigues. **Sua Majestade o Autista**: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo. 2011. 206 p.

Grandin, Temple. **Mistérios de uma mente autista** / Temple Grandin; tradução Pollyanna Mattos. – Belo Horizonte, MG: Ed. Do Autor, 2011.

J.-C. Maleval y M. Grollier. **Congelamiento y Descongelamiento del S1 en el Sujeto Autista** – Por Jean-Claude Maleval y Michel Grollier – 2021/01/18 Texto original disponível em: <<https://cause-autisme.fr/2021/01/18/gel-et-degel-du-s1-chez-le-sujet-autiste/>> Texto traduzido com autorização de J.-C. Maleval. Acesso em 16 de outubro de 2022. Disponível em:<<https://psicoanalisislacaniano.com/2021/01/18/jcmaleval-mgrollier-congelacion-descongelacion-s1-sujeto-autista-20210118/>>.

Jerusalinsky, A. (2010). **Considerações preliminares a todo tratamento possível do autismo**. Psicologia e Argumento, 28(61), 121-125. Disponível em <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-47904>> Acesso em 07 nov. 2022.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Considerações Preliminares a Todo Tratamento Possível do Autismo**. Psicol. Argum. 2010 abr./jun., 28(61), 121-125. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/321284512_CONSIDERACOES_PRELIMINARES_A_TODO_TRATAMENTO_POSSIVEL_DO_AUTISMO>.

JERUSALINSKY, Alfredo. **O autista diante da palavra: um caso supervisionado. Estilos clín.**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 108-120, 1999. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 30 out. 2022.

Kupfer, M. Cristina M. **Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância**. Psicologia USP [online]. 2000, v. 11, n. 1 [Acessado 1 novembro 2022], pp. 85-105. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>>. Epub 15 Set 2000. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>.

LACAN, J. (1953 – 54) A tópica do imaginário. In: O seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979. P 101-121.

LACAN, J. (1953 – 54) Análise do discurso e análise do eu. In: O seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979. P87-97)

LACAN, J. (1953 – 54) O seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

LACAN, J. (1953/1998) (1960) **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**, p.807-842. *À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo*, p.697-725, in: *Escritos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1985[1972-73]) O saber e a verdade. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. (121-141) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. Joyce, o sintoma. **O Seminário, livro 23 – O sinthoma (1975-1976)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006.p. 157-165.

LACAN, J. Seminário de 21 de janeiro de 1975. **O seminário, livro 22: RSI**. Tradução não publicada, 1974-1975. P. 20-33.

LACAN, Jacques (1949-1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. P. 807-846

LACAN, Jacques. O SUJEITO E O OUTRO (1): A ALIENAÇÃO. In. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (2ª ed.)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 193-204. (Seminário original de 1964).

Laurent, É. **A sociedade do sintoma: A psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro: Contra capa Livraria, 2007.

Laurent, Éric. **A batalha do autismo: da clínica à política** / Éric Laurent; tradução Claudia berjiner. - I.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2014. (originalmente publicado em 2012)

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. **Hacia el habla: tres niños autistas en psicoanálisis**. Ed: Titivillus, 1995. 252 p. Título original: Vers la parole. Trois enfants autistes en psychanalyse Marie-Christine Laznik-Penot, 1995.

LAZNIK-PENOT, marie-christine. **Poderia a teoria lacaniana da pulsão fazer avançar a pesquisa sobre o autismo?** Psicanálise e clínica de bebês, Curitiba, n. 4, p. 76-90, 2000. Texto original publicado em francês pela revista "La célibataire ed. Edk, 2000.

LEFORT R. LEFORT, R (2003). Marie-Françoise: **O autismo infantil primário precoce**. In: A distinção do autismo. [1. Ed]. - Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.P. 13-40.

Lefort, Rosine. **A distinção do autismo**/ Rosine Lefort e Robert Lefort; Tradução Ana Lydia Santiago e Cristina Vidigal. – [1. Ed]. - Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. (originalmente publicado em 2003)

Lefort, Rosine. Marie-Françoise ou o autismo. **Nascimento do Outro: duas psicanálises**/Rosine Lefort e Robert Lefort; tradução de Angela Jesuíno- Salvador: Ed. Fator Livraria; 1984. P. 177-263.

Maleval, J. -C. (2015). **Por que a hipótese de uma estrutura autística?** *Opção lacaniana*, 6(18), 1-40. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero18/texto7.html>> Acessos em 07 no. 2022.

MALEVAL, J. C. **El autista y su voz** (2009). Tradução de Enric Berenguer. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

Maleval, J.C. “Sobretudo verborrágicos” os autistas. In: Maleval, Jean Claude. **O autista e a sua voz**. Tradução e notas de Paulo/sérgio de souza Jr. - São Paulo: Blucher, 2017. P. 87-121. (publicado originalmente em 2009)

MALEVAL, Jean-Claude. **Da estrutura autista**. Revista Asephallus de Orientação Lacaniana: Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo, Rio de

Janeiro, v. 26, n. 13, p. 4-38, maio de 2018. Disponível em <http://www.isepol.com/asephallus/numero_26/pdf/2_conferencia_jean_claude_maleval_portugues.pdf> Acessos em 07 nov. 2011.

MALEVAL, Jean-Claude. **Sobre a alienação retida no autista.** *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 8-24, abr. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 16 out. 2022.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Miller, J. A. (1999). O Significante. In: **Lacan elucidado**. Palestras no Brasil. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro. P. 76-93.

Mukhopadhyay, T. R. **How can I talk if my lips don't move?** Inside my autistic mind. 1ªed. New York: Arcade Publishing (1 abril 2011).

Nascimento, M. B. (2010). **Alienação, separação e travessia da fantasia.** Opção Lacaniana 1, 1-15. Acesso em 14 de outubro de 2022. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero1/texto4.html>>.

QUINET, A. Incorporação do significante. In: **Teoria e Clínica da Psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 67. P. 126-130.

QUINET, Antonio. **As tentativas de cura do autismo.** In: Quinet, Antonio. **Psicose e Laço Social**. Esquizofrenia, Paranóia e Melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. P. 79-91.

ROUDINESCO E PLON. **Dicionário de Psicanálise**. (p. 43-44) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Sacks, Oliver W. **Um antropólogo em Marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (originalmente publicado em 1995).

Slatopolsky, Gustavo. El teadir del Benja Del sujeto supuesto saber al sujeto supuesto a interesarse. In: Slatopolsky, Gustavo. **Autismo. Transferencia. Invención: Ciclo Internacional** / Gustavo Slatopolsky; compilación de Gustavo Slatopolsky; Ricardo Seijas. - 1a ed. - Olivos: Grama Ediciones, 2021. Page 12-17.

SOLER, C-1937. Autismo e paranóia p. 63-78; O psicótico e o analista p. 127-147. In: **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

Universidad Nacional de San Martín (icdeba-IDAES-UNSAM). Buenos Aires, sept. 2018.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apoiou durante este percurso, especialmente à minha mãe Risone ou melhor A mãe, quem me deu a vida e a quem direciono todos os agradecimentos e amor do mundo. Minha referência, a insubstituível. À minha irmã com quem convivo há 23 anos, a parceria que me ajudou a não desistir deste percurso. A meu pai quem me incentivou a continuar estudando e seguir meu caminho me dando os livros que precisava. A todos os meus tios em especial à minha madrinha Lúcia, quem me deu um cantinho para ficar em Campina Grande, a quem eu direciono meu amor e gratidão.

Aos meus três gatinhos Ozzy, Gigi e Shiva que apesar de não falarem, comunicam seu amor, sua companhia e momentos felizes de sua forma tão particular.

A meus colegas de estágio, de curso que compartilharam as dores e alegrias do caminho da formação. Aos que sempre serei grata, por todos os momentos e por suas existências. À Ana Clara, Arthur, Aline, Nicolly, Raíssa, Tamyres.

À minha orientadora, professora, supervisora e coordenadora do curso Jailma que não me deixou desistir, sou grata por todo o conhecimento, por todos os momentos e por transmitir a psicanálise de uma maneira tão poética, tão linda.

À minha psicóloga Elen que me acompanha há tanto tempo, a quem direciono minhas angústias e felicitações, quem direcionou minha análise pessoal, a quem serei e sou eternamente grata.

Agradeço também a mim mesma por ter sustentado todo este processo árduo, sem mim eu não existiria, serei uma Míria com formação em psicologia e não o contrário, afinal decidir apostar no caminho da vida implica em caminhos de altos e baixos, caminhos cheios de espinhos, alguns desses comportando flores bonitas. É pelo caminho da orientação psicanalítica que me encontrei e por ele irei seguir.